

3

Armando a lona

Para o circo, a lona é de suma importância, pois é dentro dela que a mágica acontece. A lona de circo é inconfundível. Alta e colorida, erguida por cordas e pilares, ela anuncia de longe: “O circo chegou!”.

Neste capítulo, falo mais especificamente da instituição Se Essa Rua Fosse Minha, pois ela, à semelhança da lona, também abriga o circo. Mesmo sem ser feita de tecido e sem ter um picadeiro, é um espaço onde o corpo aprende a superar desafios através da arte circense. E não é possível entender o trabalho desenvolvido pelo SER, sem conhecer um pouco da instituição, sem conhecer os pilares e as cordas que dão sustentação ao trabalho realizado.

A ONG Se Essa Rua Fosse Minha, foi fundada no ano de 1991, apoiada pelas organizações FASE, IBASE, IDAC, ISER, e pelo Betinho. Na página da internet do SER há uma citação do Betinho sobre o Se Essa Rua.

Quando uma sociedade deixa matar as crianças é porque começou seu suicídio como sociedade. Quando não as ama é porque deixou de se reconhecer como humanidade. ‘Se Essa Rua Fosse Minha’ é um movimento que tem como objetivo mobilizar toda a sociedade brasileira para resolver o que hoje é um grande escândalo: a situação das crianças deste país, particularmente daquelas que trabalham e vivem nas ruas.

A sede da ONG se localiza no bairro de Laranjeiras, no município do Rio de Janeiro, mas possui também muitas lonas espalhadas por outras localidades da Baixada Fluminense. A coordenação geral é feita por César Marques.

No primeiro ano, o SER focalizou o seu trabalho na captação de recursos. Um disco foi lançado com vários nomes importantes da Música Popular Brasileira e ocorreu um jogo do Flamengo e Fluminense no Maracanã com bilheteria revertida para a ONG.

Em 1992, foi implementado o primeiro Núcleo de Abordagem de Rua. A finalidade desses núcleos é ser um espaço onde atividades artísticas, educativas e esportivas possam ser desenvolvidas com o objetivo de criar uma relação de confiança entre as crianças e adolescentes em situação de rua e os educadores sociais. Esse trabalho facilita a saída das ruas de crianças e adolescentes que

chegaram há pouco tempo lá. Foi a partir deste trabalho que ocorreu a opção pela utilização da metodologia do Circo Social.

No mesmo ano, foi criada a Nossa Casa, que era um centro de acolhimento dos meninos e meninas encaminhados da rua. Atualmente, funciona, no mesmo lugar, o Centro de Desenvolvimento Criativo (CDC) e a sede do Se Essa Rua.

No ano de 1994, o SER começou o processo de se transformar em uma ONG. No mesmo ano, foi inaugurada, em parceria com a Prefeitura do Rio de Janeiro, a Casa de Acolhida de Vila Isabel. Essa casa visava a acolher os meninos e meninas da rua que não pudessem voltar às suas famílias e “comunidades” de origem.

Em 1999, iniciam-se os primeiros Núcleos de Atividade e Convivência Comunitária (NACs). Esses núcleos visavam a criar espaços onde o “protagonismo juvenil” pudesse se desenvolver e onde pudesse ocorrer a multiplicação visionada pelo Circo Social. Em 2001, a ONG passa a integrar a primeira rede de atendimento de crianças e adolescentes em situação de rua, a Rede Rio Criança.

A primeira lona de circo foi inaugurada em 2002 na “comunidade” de Vila Camirim, em Queimados, iniciando-se, assim, o Projeto Circo Baixada. No ano seguinte, é inaugurada a Lona de Paciência, na zona oeste da cidade do Rio de Janeiro.

O projeto que fez parte desta pesquisa, Dando Bola Para a Vida, foi iniciado no ano de 2004, tendo como objetivo atender às crianças e adolescentes da “comunidade” de Cerro-Corá, no Bairro do Cosme Velho, na zona sul do Rio de Janeiro.

O trabalho desenvolvido nesse período tirou muitas crianças e jovens das ruas. Hoje, dois deles são “educadores” do SER. O fato de terem se tornado “educadores” mostra a preocupação do SER não só em ajudar as meninas e meninos das classes populares, mas também o intuito de incentivá-los para que eles, de forma mais autônoma, possam dar continuidade ao trabalho, como “multiplicadores” ou “circuladores”. Esses dois conceitos são, na realidade do SER, a mesma coisa e têm como base a idéia de ensinar o que se aprendeu. A ONG identifica os jovens que demonstram gosto pelo aprendizado circense, que participam ativamente do processo desse aprendizado e que demonstram um senso de responsabilidade. A partir desta identificação, os jovens são convidados a participar de cursos de formação em técnicas de arte-educação e cidadania.

Jovens multiplicadores (cumprindo uma espécie de estágio na sua formação) e educadores (acompanhando a ação dos jovens e desempenhando uma função de articulação dos diversos processos sociais e educativos) desenvolvem uma ação junto a crianças e adolescentes nos núcleos comunitários, através de oficinas de circo social e do acompanhamento pedagógico e psicossocial, articulando-se com as famílias, organizações comunitárias e a rede de serviços disponível. (CONCEITOS..., p. 12)

Apesar da categoria “multiplicador” ser específica a um grupo de jovens, como diz o trecho acima, em “uma espécie de estágio”, a idéia de que todos devem aprender para ensinar aos demais parece presente na prática cotidiana do projeto Dando Bola Para a Vida.

O primeiro trecho de entrevista, que segue abaixo, é com o “educador” Nego da Bahia. Ele relata como conheceu o Se Essa Rua e como foi que se tornou um “educador”.

Nego da Bahia: Se Essa Rua foi através de colegas que moravam na rua comigo. Foi através dessas pessoas que conviviam comigo na rua que fizeram o convite pra mim. (...)

Entrevistadora: Você tinha quantos anos?

Nego da Bahia: Uns doze anos...doze. Aí ele falou: vamos no Se Essa Rua Fosse Minha tomar um café?! Aí eu: vamos. Aí foi nessa que eu conheci o Se Essa Rua Fosse Minha. No primeiro dia eu gostei. No segundo dia eu me apaixonei. Aí estou aqui até hoje.

Entrevistadora: E já começou logo fazendo atividades circenses ou fazia outras coisas?

Nego da Bahia: Eu fazia outras coisas. Eu roubava. Roubava e fazia várias coisas de errado. Mas eu não fazia atividade nenhuma, porque eu morava na rua. No primeiro dia, eu só vim aqui tomar um café. No segundo, eu comecei a fazer atividades aqui na casa.

Entrevistadora: Quando você começou fazer as atividades, começou a fazer atividades de circo...

Nego da Bahia: De circo, etc. Várias atividades: marcenaria, informática, curso de eletricidade.

Entrevistadora: E você continuou morado na rua ou você...

Nego da Bahia: Não, o que é isso! Eu passei por vários projetos. O primeiro foi o Se Essa Rua Fosse Minha. Depois foi o projeto Abrigo do Leblon. Depois Casa da Vila. Depois da Casa da Vila, eu passei pelo Projeto Escola. Depois do Projeto Escola, eu saí e comecei a seguir minha vida sozinho.

Entrevistadora: E o que te faz vir dar aula aqui agora?

Nego da Bahia: Eu to aqui até hoje porque muitas coisas eu conquistei na minha vida. Eu tive que lutar e muito. E essa oportunidade a gente pega ou deixa passar. Muitos dos meus amigos, assim, é... as portas do Se Essa Rua se abriram, a porta do Se Essa Rua era uma oportunidade, sabe? Então,

muitos não conseguiram aproveitar essa oportunidade e eu consegui aproveitar. É, eu passei pela Escola Nacional de Circo e me formei. Aqui no Se Essa Rua Fosse Minha foi a base. Foi a base onde aprendi a maioria das coisas. E na Escola Nacional de Circo foi onde eu me aperfeiçoei, me formei. E, assim, acho que o que faz eu estar aqui é não perder o que eu construí sabe, eu construí muitas coisas pra estar aqui. Então, se eu abandonasse essas coisas que eu construí, eu ia ser mais um que passou pelo Se Essa Rua Fosse Minha e o Se Essa Rua não conseguiu aproveitar essa pessoa. Essa pessoa não conseguiu aproveitar o Se Essa Rua, a oportunidade que o Se Essa Rua Fosse Minha dá pra eles. Então, o que eu fiz foi aproveitar e é por isso que estou aqui hoje. E o que me faz ta dando aula aqui (pausa) é a paixão de querer estar com pessoas diferentes, sabe, com pessoas que não usam drogas. Com pessoas do meu nível ou nível superior ao meu. E, assim, com pessoas com quem eu possa trocar experiências, com quem eu possa conversar. É isso que faz eu estar aqui.

Uma trajetória parecida é contada pelo “educador” Marco Aurélio³. Apesar destes dois “educadores” não terem tido uma formação pedagógica formal, universitária, percebe-se tanto nas suas falas quanto nas atitudes durante as observações, que eles têm plena consciência do trabalho educativo por eles desenvolvido, tanto das técnicas circenses como da ideologia defendida pelo SER.

A maioria dos “educadores” que trabalham na “comunidade” do Cerro-Corá são por sua vez também moradores de “comunidade”, ou já foram. Quando o debate gira em torno das identidades, é muito benéfico que os meninos e meninas possam se identificar com os “educadores” e os “educadores” com eles. Cada um compreende um pouco melhor o jeito de ser, os dilemas, os problemas do outro, o que torna mais fácil a interação entre eles. Também é interessante ter “educadores” que vivem uma realidade parecida, porque ajuda a se firmar uma relação mais horizontal entre estes e as crianças. Conhecer e viver as mesmas coisas ajuda os “educadores” a romperem com uma visão assistencialista que os colocaria acima, de alguma forma melhores. O que já foi discutido no capítulo anterior.

Nesse breve período histórico, o Se Essa Rua Fosse Minha passou por algumas mudanças no seu direcionamento ideológico. Hoje, o SER tem uma visão mais apurada no que concerne à formação dos meninos e meninas que participam de seus projetos. Eles lutam contra o trabalho assistencialista e buscam gerar neles a “autonomia”. E, através desta “autonomia”, buscam a sua “transformação” social e política.

³ Veja a íntegra da entrevista no anexo 3.

O projeto Se Essa Rua Fosse Minha, passa de uma perspectiva de ‘promoção social’ que herda da tradição dos movimentos sociais de defesa da infância da década de 80, para um modelo de intervenção de garantia integral dos direitos. (...) No decorrer dos anos a própria prática dos jovens que passaram por diversos níveis de atendimento, junto à importância adquirida pela proposta metodológica do Circo Social, nos levou a aprofundar cada vez mais, a reflexão em torno da cultura como base para o desenvolvimento autônomo dos sujeitos e dos grupos sociais. (CONCEITOS..., p. 5)

Além do trabalho circense, como já foi mencionado, o SER tem os Grupos Operativos de Criação (GOC), que trabalham com questões temáticas como sexualidade, inserção social, identidade, drogas, etnia etc., fazendo uso de uma grande variedade de linguagens artísticas. Os GOCs funcionam como “multiplicadores”, categoria bastante usada pela instituição, das discussões levantadas durante as aulas. Com esse trabalho, visam a maior integração com a “comunidade”.

O grande desafio da experiência do Se essa rua... é transformar atividades circenses, através de um processo educativo, numa formação para a cidadania. (GARCIA, 2004, p. 9)

Ao estimular o desejo de criação, possibilitando a descoberta e o desenvolvimento corporal de crianças e adolescentes, o projeto muda a auto-imagem negativa que têm de si mesmos. (GARCIA, 2004, p. 17)

Primeiramente, o trabalho de arte e educação desenvolvido visa a trabalhar com as crianças e com os adolescentes das camadas populares a sua sensibilização, auto-estima, expressão e comunicação. Numa segunda fase, além do lado artístico do espetáculo circense, também existe a preocupação do envolvimento dos meninos e meninas com a produção, o gerenciamento, o marketing e a própria apresentação do espetáculo. Após os espetáculos, ocorrem debates sobre os temas que são debatidos nos GOCs.

O projeto, como já foi dito, que foi o alvo desta pesquisa foi o Dando Bola Para a Vida. Em uma entrevista com Fátima, que trabalha no SER como agente comunitária e é moradora do Cerro-Corá, revela-se um pouco da história da “comunidade”.

Olha, pelas conversa que estamos tendo, estamos fazendo uma pesquisa com os idosos, os moradores mais antigos da comunidade, ela veio surgir desde quando houve a construção desse túnel aqui que vinham funcionários de fora, de outros estados e aqui, no local dessa quadra, eu vim descobrir a pouco tempo que é onde dormiam as pessoas... (...) Um alojamento. E esse alojamento tinha umas trinta famílias e aí, dessas famílias, depois que foi construído o túnel, uns não foram embora, ficaram aqui e deram continuidade na comunidade. Começou a crescer. Nós conversamos com um morador ali em cima que mora aqui desde 60...ele começou a história desde 63, 62, 64, 75 até agora, 2005. (...) Olha, quando eu cheguei aqui, não havia muita coisa. Essa rua que havia aqui, ela não tinha esse viaduto. A rua que nós descemos, parte de lá era barro, bastante capim. Aí entrou o Favela-Bairro, que juntou com todas as outras coisas. Havia uma quantidade de moradores pra surgir as obras do Favela-Bairro. Aí, quando eu cheguei aqui, já tinha algum saneamento, já era pavimentada. Agora, com o Favela-Bairro, melhorou mais ainda. O saneamento, a abertura de uma rua principal, abertura dessa rua porque essa rua ia até ali onde tem umas escadas e pra baixo era mato. E a gente descia toda a escadaria. O acesso pra comunidade era pela escadaria. (...) A ladeira vinha assim: ladeira dos Guararapes e morria aqui, acabou. Daqui não tinha pra onde ir. Agora não, nós temos subida e descida abertas. Nesses quinze anos, eu senti que melhorou bastante. Muitas pessoas dizem que a água tinha que vir buscar aqui embaixo. E depois não, passou a ter rua. Antigamente, antigamente não, essa época que eu vim pra cá, o pessoal de farmácia não trazia remédio na comunidade. O gás, só trazia o gás até na padaria, o morador tinha que pagar alguém pra levar o gás até ali em cima. Agora não, as farmácias trazem remédios aqui, a gente liga e traz. Pizzaria traz.

Segundo o Se Essa Rua, o Complexo do Cerro-Corá tem hoje cerca de dez mil moradores. Inscritos no projeto estão trezentos e trinta crianças e adolescentes.

Esse projeto já está funcionando há dois anos. Ao fazer uma análise no documento intitulado “Projeto Dando Bola Para a Vida”, mais recente do que os mencionados no primeiro capítulo, é interessante perceber como a idéia de fortalecer os laços com a “comunidade” se torna cada vez mais presente e marcante. O objetivo geral do projeto é muito claro neste sentido.

Numa perspectiva de melhora na qualidade de vida de Crianças, Adolescentes e Jovens da comunidade do complexo Cerro-Corá, o projeto objetiva promover e fortalecer o protagonismo das mesmas e de suas famílias, apoiando e estimulando a organização comunitária, criando espaços de convivência e integração social e comunitária ampliando a sua capacidade de intervenção no debate pela implementação de políticas públicas de garantia integral de direitos e acesso a bens e serviços públicos, bem como desenvolver estratégias alternativas de organização para o trabalho. (PROJETO..., p. 1)

Para reforçar esse intento, o projeto inclui no seu público-alvo não apenas as crianças que receberão aula de circo e arte-educação, mas também as famílias das crianças, as professoras das duas escolas públicas da região e os líderes comunitários, envolvendo, assim, as três associações de moradores do complexo. Nessas três frentes, o Dando Bola pretende “elaborar propostas para o conjunto da “comunidade”” (PROJETO..., p. 4). O termo “protagonismo” aparece novamente, mas, desta vez, não está circunscrito ao juvenil e sim estendido à família e à “comunidade”. Junto com a idéia do “protagonismo”, está presente idéia de “autonomia”, de capacidade crítica de se auto-gerenciar e tomar decisões no sentido de trazer “transformação” política e social.

Essas e outras atividades circunscrevem-se no entendimento de que essas crianças, adolescentes, jovens e suas famílias devem ser assistidas por uma iniciativa que contemple suas demandas de ordem emocional e social, fortalecendo a auto-estima e a capacidade criadora numa perspectiva de cidadania, tornando-os sujeitos de suas próprias histórias, almejando reivindicar direitos e políticas sociais coerentes com as necessidades básicas do coletivo, colocando, em suma, as bases para a construção de uma nova cultura solidária. (PROJETO..., p. 5)

Como já foi mencionado acima, as iniciativas do projeto não se limitam ao trabalho direto com os meninos e meninas. Queila, a assistente social do SER, revelou, em sua entrevista, que ela e Ana Paula, coordenadora do projeto, fazem visitas às escolas do complexo Cerro-Corá para realizar o acompanhamento das crianças, principalmente quando detectam nelas alguma dificuldade. A escola também encaminha ao projeto alguns casos.

Durante uma entrevista, realizada na porta da casa de uma das mães do projeto, pude presenciar uma conversa informal e amistosa entre a Queila, a mãe, e suas filhas mais velhas, que, por serem adultas, não participam do projeto. Nessa conversa, Queila falava com uma das filhas sobre cursos gratuitos oferecidos pela

Prefeitura e que ela deveria ir até lá achar algo que a interessasse. Com isso, pude perceber que o projeto Dando Bola Para a Vida busca também ser parceiro da família e da “comunidade”.

Queila mencionou também que a parceria inclui a reabertura de uma clínica que havia no Cerro-Corá, como indicado no trecho de sua entrevista:

A gente é parceiro em algumas ações lá da comunidade. E aí a gente está evoluindo uma proposta deles atenderem dentro da comunidade, no espaço que já tinha antigamente, foi abolido por razões políticas externas, e agora tem-se uma proposta na área de serviço social e diretoria também de implantar um projeto que atendesse clínica, pediatria, odontologia e ginecologia.

O próximo capítulo é a descrição de como as atividades do projeto se desenvolvem e de como o próprio grupo, “educadores”, coordenadores, participantes e mães dos participantes, percebem o que acontece dentro do projeto Dando Bola Para a Vida.